



DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLVI — Nº 959
15 de Março de 1992

QUINZENÁRIO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 60\$00
Tiragem da última edição
2.400 exemplares



PORTE PAGO

Sessão memorável de viticultores de Melgaço apostando no futuro!

Como anunciamos largamente no último número, realizou-se no dia 8 do corrente, Domingo, a Assembleia Concelhia de Viticultores, convocada pela Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço e que teve a seguinte ordem de trabalhos:

— 1. Projecto de viabilidade técnica e económica da Adegas Cooperativa de Melgaço;

— 2. Programas de apoio a projectos de reestruturação da Vinha.

A assembleia realizou-se no Salão Nobre da Câmara Municipal, pelas 10 horas, tendo o local estado superlotado e a abarrotar como nunca se tinha visto em Melgaço.

Na sessão, que podemos qualificar de extraordinária e memorável, e que vai certamente marcar o arranque para uma das grandes alavancas do progresso da nossa linda terra, intervieram vários oradores, de que destacamos as intervenções do Sr. Joaquim Pereira, Gerente da Caixa Agrícola em Melgaço e grande impulsor da ideia de encomendar à Agrosistema, Sociedade Luso-Alemã de Engenharia Agrícola e Industrial, um estudo de viabilidade técnico-económica para a edificação de uma Adegas Cooperativa em Melgaço e consequente projecto de candidatura a fundos comunitários. Realçou que não é a Caixa que forma a cooperativa, mas os sócios, embora nós possamos acrescentar que a colaboração prestada pela Caixa foi decisiva e marcante para que a ideia possa concretizar-se e venha a ter pleno êxito. Rui Solheiro, Presidente da Câmara, enalteceu a iniciativa e tentou galvanizar todos os presentes a unirem esforços e a fazerem tudo por convencer os outros agricultores melgacenses a unirem-se a este projecto que é tão promissor para a nossa terra. Garantiu que a Câmara municipal disponibilizará os terrenos para a Adegas e fará as infra-estruturas, o que significa uma ajuda bastante apreciável para que o ambicioso projecto se torne realidade. Dando o exemplo, garantiu que será também um dos associados deste empreendimento. O Eng. Barre-

to Moura, com a autoridade que lhe é reconhecida, incentivou a que todos se unissem e vencessem a grande pecha que existe para o progresso da nossa terra — o individualismo — associando-se em cooperativa, pois é essa a forma mais válida de resolver os problemas da nossa agricultura e de dar resposta válida aos desafios que a própria reforma da política agrícola comum nos coloca.

O Eng. Kai Jusek, da Agrosistema, alemão a trabalhar em Portugal, e que de tal maneira se enamorou da nossa terra que diz não ter encontrado terra mais linda, expôs as linhas mestras do estudo e esclareceu as dúvidas que surgiram. A sessão foi tão concorrida e participada que demorou quase 3 horas.!

O ambiente geral observado é de forte adesão a tão importante iniciativa, pois que, como já dissemos, uma vez concretizada, significará uma autêntica revolução silenciosa para o progresso da nossa terra. Desde Segunda, dia 9 de Março, na Caixa Agrícola, estão fichas de inscrição para os viticultores que queiram associar-se a fim de levantar esta grande obra. Depois de haver um número apreciável de associados, convoca-se nova assembleia para constituir a Cooperativa e avançar com todas as outras iniciativas que levam à construção da Adegas, à modificação das vinhas e do vinho produzido, ao concurso para os incentivos que a CEE dá para estas iniciativas e para colocar de pé toda uma estrutura organizativa e de gestão que permita dar à Adegas o dinamismo que se impõe a fim de ter o sucesso que todos desejamos e que está ao nosso alcance.

Cada melgacense tem agora a tarefa importante a realizar: fazer o máximo de esforço por informar outros possíveis interessados sobre as vantagens de aderirem a este projecto como forma de, em conjunto, darmos o arranque para o progresso e desenvolvimento do nosso concelho através de uma iniciativa que é para ajudar e beneficiar todos os viticultores que se inscreverem e participarem.

Pensando nos caros emigrantes que grande maioria são também viticultores na sua terra, lançamos

Continua na última página

A Capela de S. Julião... de quem é?

A Capela de S. Julião foi sempre da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

No ano de 1711, em seis de Julho, foi lavrada a escritura de aforamento, entre João Gomes de Magalhães e a Santa Casa, que reza assim:

«... Saibam quantos este público instrumento de aforamento perpétua virem que... dentro das casas do consistório da Misericórdia da Vila de Melgaço, e aí onde eu tabelião cheguei e aí onde perante mim e das testemunhas adiante escritas, apareceram presentes o provedor desta Santa Casa... e os mais irmãos abaixo-assinados... e aí estando todos juntos em mesa, por ele foi dito... que a esta Casa era pertencente a Capela de S. Julião... a qual estava danificada em forma que se ia arruinando com a muita antiguidade, de sorte que não estava capaz para nela se dizer missa nem venerar o culto divino como era devido, por cujas causas achavam ser mais conveniente que a dita Capela se desse por foro a João Gomes de Magalhães e sua mulher Constança Mendes de Araújo... com as condições seguintes: ... tê-la com adorno necessário de maneira que nela se possa dizer missa, reconhecendo eles esta Santa Casa por sua directa senhora, sem consentir que... algum pároco ou visitador se intrometa nela... mas antes será visitada pelo provedor e escrivão desta Santa Casa... e achando lhe falta de alguma coisa, obrigação o dito João Gomes de Magalhães e, sua mulher... a que ponham tudo o que precisamente for necessário para se poder dizer missa nela com decência, e, no caso que alguns foros (rendimentos) pertençam à dita Capela, ficarem todos para esta Santa Casa e querendo ela dizer alguma missa por seus capelães nela, serão eles empre-

zados (os Magalhães)... obrigados a dar-lhe a chave, levando eles cera e hóstias, e, se em algum tempo, o dito João Gomes e seus nomeados quiserem largar a dita Capela, o poderão fazer... sem poderem pedir benfeitorias algumas que na dita Capela se acha-

denunciando assim o contracto como se vê das 4 actas assinadas pelo então provedor Duarte Augusto de Magalhães, legítimo sucessor dos que assinaram a escritura de 1711:

Acta de 3/4/38 (transcrita só a parte que interessa):
«... Precisando de ser reparada a Capela de S. Julião, pertença desta Santa Casa da Misericórdia, foi deliberado autorizar o respectivo provedor a mandar proceder àqueles trabalhos e a satisfazer a sua importância pela verba quatro do respectivo orçamento...».

Os trabalhos foram executados por António

Maria das Valas que recebeu da 1ª vez 700\$00, da 2ª 52\$00 e da 3ª 51\$00, pagamentos constantes das actas de Maio, 5 de Junho e 7 de Agosto de 1938. (Estes 803\$00, em moeda actu-

Continua na última página



rem feitas, oferecendo-se alguma demanda... à dita Capela, serão eles emprazados (os Magalhães) a dar conta aos oficiais... para tomarem por sua conta a sua defesa, e nesta forma lhe faziam concessão e prazo da dita Capela em perpetuum, com as condições acima citadas... e somente reservavam todos os foros, como acima fica dito, ... e logo por se acharem presentes os emprazados nomeados (os Magalhães), assim por eles foi dito que em seu nome e de todos os mais nomeados aceitavam este emprazamento (contracto) com todas as condições acima relatadas, e que se obrigavam com suas pessoas e bens havidos e por haver, a ter sempre a dita Capela bem adornada e fabricada de todo o necessário, enquanto dela fossem senhores...»

Como se vê pela escritura, que fica transcrita no essencial, a Misericórdia deu por aforamento a Capela aos Magalhães para estes a repararem e conservarem à sua custa. Foi esta a finalidade do aforamento.

Ora, a família Magalhães deixou de cumprir esta obrigação em 1938,



Um Sonho à Beira-Mar

A realidade que o espera...

Temos a solução das suas Férias. Contacte-nos

Rua José Afonso, 192
Tel 053/616286 • 4700 BRAGA

Da Vila e Concelho

Visita à Agência da União de Bancos Portugueses

De visita à Agência da União de Bancos Portugueses desta vila, esteve um membro do Conselho de Administração, Dr. Carlos Soares, que era acompanhado dos Dr. Júlio Pinto e Dr. Marques Maia, respectivamente Director da Região Comercial do Norte e Director Regional da Área Minho.

Estas entidades, foram recebidas pelo gerente da Agência Sr. Álvaro Domingues e pelos respectivos funcionários, os quais agradeceram tão honrosa visita.

Após a recepção percorreram as luxuosas instalações, com que essa instituição honra a nossa terra, ficando o Sr. Administrador bem assim como a Direcção muito satisfeitos tanto na evolução dos negócios, como com a conservação do edifício.

Depois de uma curta reunião de trabalho, seguiram para Castro Laboreiro, acompanhados pelo responsável da Agência local, onde foram almoçar à Pousada daquela localidade.

A todos os nossos cumprimentos.

Três primos festejaram aniversário

Festejaram os seus aniversários natalícios três primos nossos conterrâneos:

Ana Carolina do Paço Afonso; Ricardo Jorge do Paço Esteves e Sandra Patrícia do Paço Ferreira.

São filhos de Jorge Fernandes Afonso, Técnico de Telecomunicações da E.D.P. e de D. Maria Fernanda Ferreira Afonso, funcionária do Ae-

roporto de Lisboa; de António Manuel Esteves, funcionário da Escola Secundária e de D. Maria Adelaide Ferreira do Paço Esteves, funcionária do Centro de Saúde de Melgaço e de Manuel Edmundo Ferreira, operário da construção civil e de D. Maria de Lurdes Ferreira do Paço Ferreira, respectivamente.

Os aniversariantes são netos maternos do nosso correspondente Alfredo Lourenço do Paço e de D. Perpétua da Purificação Ferreira do Paço.

Por tal motivo, felicitamos os aniversariantes e desejamos que estas datas se repitam por muitos anos, no convívio de seus familiares.

Promoção

Por despacho do Comando Geral da Guarda Fiscal, foi promovido a Cabo-Chefe daquela Corporação o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Rui Faria, que actualmente se encontra a prestar serviço da fronteira de S. Gregório (Secção de Passaportes).

Por tal motivo, felicitamos o nosso amigo Rui Faria, com os nossos parabéns e desejos das maiores felicidades, no desempenho das suas funções.

Casamento elegante

Na Costa da Caparica, concelho de Almada, realizou-se o enlace matrimonial de António Filipe Escobar Ribeiro Ferreira de Araújo, filho do nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António de Araújo, empresário e industrial em Lisboa e da Sr^a Dr^a D. Maria Regina Escobar Ribeiro

Ferreira de Araújo, com Cidália Galucho Britos Florinda.

Foram padrinhos o Sr. Henrique Salatty, funcionário superior da Companhia de Seguros «A Mundial» e Maria do Céu.

No fim do acto, foi servido um lauto e bem requintado almoço no luxuoso «Restaurante Freitas» daquela localidade a cerca de cento e cinquenta pessoas.

Ao gentil casal que é dotado das melhores qualidades e simpatia, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

Armindo Duarte Franja

Numa curta visita a seus familiares, esteve entre nós durante alguns dias, onde veio tratar de diversos assuntos, o nosso estimado assinante Sr. Armindo Duarte Franja, radicado em Sarreburg — França.

Os nossos cumprimentos.

Aniversário

Festejou o seu 80º aniversário natalício o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. João Lourenço.

Em sua casa, foi oferecido um almoço a diversos seus amigos e familiares.

As nossas felicitações e desejos de longa vida.

Liga Portuguesa Contra o Cancro

A Coordenadora da Liga Portuguesa contra o Cancro, Sr^a Professora D. Maria Cândida Esteves Menezes, informa toda a população do nosso concelho, que o pedido a favor desta Obra Social, rendeu 409.881\$50.

Reconhecida agradece a todos aqueles que contribuíram para esta obra de bem-fazer.

Bem haja a todos.

Dr. José Albano de Melo

Numa curta visita de poucos dias a seus familiares, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. José Albano de Melo, advogado em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Confraternização familiar

Na Quinta dos Chãos desta vila, realizou-se uma festa entre família, com um almoço de confraternização, que o proprietário nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José Augusto da Cunha Esteves, funcionário de Finanças, ofereceu a diversos seus familiares e amigos.

Estiveram presentes aquele nosso amigo, sua esposa D. Celeste Pereira Esteves, suas cunhadas D. Eva Perei-

ra, funcionária da Escola Primária de S. Gregório; D. Carmen Pereira Rodrigues, Professora da Escola Primária de S. Lazaro da cidade de Braga, seu marido Sr. Abílio Rodrigues, emigrante no Canadá, filhos e outras pessoas.

A todos os nossos cumprimentos.

SOCIEDADE

Bodas de Prata Matrimoniais 1967 - 1992

No passado dia 1 de Março em ambiente festivo, o casal nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Amadeu Augusto Alves e sua esposa Sr^a D. Maria de Lurdes Sarandão Alves, funcionários da Companhia de Aviação «K.L.M.» em Amesterdão — Holanda, festejou os seus vinte e cinco anos de casados (Bodas de Prata Matrimoniais 1967 - 1992).

Na Igreja da Misericórdia desta vila, foi celebrada missa de acção de graças por esta data festiva, em que o Rev. celebrante Sr. P.^o Justino Domingues, pároco da vila, benzeu as alianças e à homilia proferiu uma alocução dedicada àquele casal.

Para comemorar a efeméride o casal aniversariante teve a gentileza de oferecer no conceituado «Restaurante Jardim» um lauto e bem requintado almoço, que reuniu convidados e familiares, estando sobre a mesa as maiores potencialidades da gastronomia e guloseimas, tudo isto acompanhado com os capitosos vinhos Alvarinho e outros, bem assim como o famoso «Champanhe» francês, que muito contribuíram para a animação da festa.

Ao gentil e simpático casal, que reside em Amesterdão — Holanda e

Continua na página seguinte

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas: AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650/4 • 4960 MELGAÇO

Compre agora
e pague em 12 meses

em

Móveis Castelo

de:
Ramiro de Lima A. Cerqueira

Rua das Escolas
Telf. 42695 • 4960 MELGAÇO
Exposição: Rua da Calçada

Manuel António
Ribeiro
SOLICITADOR

Escritórios:
MELGAÇO
Largo Hermenegildo
Solheiro - Telf. 42211
MONÇÃO
Av. da Estação/Ed.
Chave Douro, 2º Esq./Frente

Dr. Oliveiros
Rodrigues

ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

RUI JOSÉ VIEIRA RIBEIRO
SOLICITADOR

Cont. nº 189 479 442

Rua Dr. António Durães
Telf. 43703 4960 Melgaço

Electrotécnica

António Solha & Irmão

~ Rádio
~ Instalações Eléctricas
~ Televisão
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telf. 42294
4960 MELGAÇO

«A VOZ DE MELGAÇO»

Propriedade da Empresa Jornal
«A VOZ DE MELGAÇO, LDA»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 - Tel. 25284
4700 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - 4700 BRAGA

Assinatura (anual):
1.300\$00

Aos assinantes que recebem o jornal
com uma 3ª dobragem ou cinta mais
500\$00 por ano.

DECOR. ALTO. MINHO

DE Manuel Luís Domingues

Venda de:

Cortinados • Varões • Sanefas

Mais que o exterior, é importante a decoração do interior da casa, onde se vive e se passam os momentos mais ternos e felizes da vida.

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

Manuel Cajão

MÉDICO

R. Dr. António Durães
Telf. 42820 • Vila

MELGAÇO

que é dotado das melhores qualidades e simpatia na nossa terra, apresentamos os nossos parabéns com desejos de muitos e longos anos de vida, no convívio de seus filhos, Filipe e Paula, outros familiares e amigos e que Deus os proteja, para que atinjam as Bodas de Ouro.

É tudo quanto lhe desejamos.

Ninguém se lembra nem pode lembrar de uma seca assim!

Depois de termos vivido os meses ditos de Inverno sem chuva quase nenhuma, aproxima-se a Primavera e se não vierem umas chuvas bem fortes vai ser um ano de muita fome e aflição. Ninguém se lembra de coisa assim, nem pode lembrar, pois que, a quanto me informaram, a situação é vivida também por outros países europeus, como a França, onde, segundo os dados disponíveis, não acontecia coisa semelhante desde há 135 anos!

Lá para os lados do Alentejo já há povoações a fazerem novenas de oração pedindo a chuva, pois que aí, há aldeias onde não chove há mais de um ano!

Rezemos também nós, porque Deus ouve-nos sempre, mesmo quando não se faz a nossa vontade. Ele lá tem os seus desígnios. E quanto mais rezarmos, mais poderemos entrar neles e tentar entender o que se vai passando.

da Srª D. Maria Martins Barbosa, filho de António Meleiro, já falecido e de sua esposa Dª Maria de Jesus do Souto Meleiro, naturais do lugar dos Casais onde residiam. A vítima foi imediatamente transportada para o Hospital de S. João no Porto, onde lhe foram feitos os exames necessários, mas em vão, pois já era tarde de mais, pouco depois veio a falecer.

Depois de lhe terem sido prestadas as formalidades legais, o seu funeral realizou-se em auto-fúnebre para o cemitério desta freguesia, onde veio a receber as últimas homenagens dos seus familiares e de um grande número de amigos. Ao nosso amigo que era dotado de excelentes qualidades morais, desejamos que o Senhor o recompense lá na outra vida de tudo o que sofreu.

À família enlutada em nosso nome pessoal e em o da «A Voz de Melgaço» as nossas sinceras condolências.

sujeitar a uma operação cirúrgica, Dª Rosa Maria de Abreu e Moura, do lugar do Outeiro.

Desejamos-lhe que tudo corra bem e que se restabeleça o mais rápido possível.

Depois de ter sido internado no hospital de Viana do Castelo, voltou para sua casa onde se encontra a recuperar.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

C.

De Roussas

Falecimentos

Na semana do Carnaval faleceu a senhora Maria Benedita, de Corções, e na Quinta da Quaresma, dia 5 de Março, faleceu a senhora Sara Gonçalves, mais conhecida por Sara Durães, do lugar da Igreja.

Aos familiares enlutados, as nossas condolências.

Doente em Viana

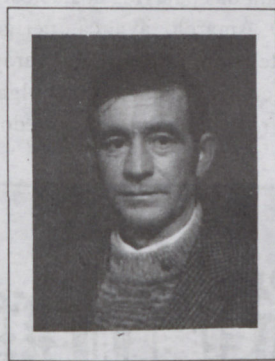
Quando estava em casa a recuperar-se de um internamento por motivo de uma queda, foi acometido de doença súbita o Sr. José Campante, do lugar da Cela, encontrando-se internado em Viana. Desejamos-lhe rápidas melhoras e que tudo corra pelo melhor.

Em recuperação

Depois de uns dias de internamento em Viana, encontra-se em convalescência em sua casa, no lugar da Igreja, a senhora Maria Alves, esposa do nosso particular amigo e assinante Hilário Augusto Rodrigues. Desejamos que as melhoras se acentuem e se consolidem para podermos ver a estimada amiga a dar a sua preciosa ajuda nas tarefas do dia a dia.

De Paços

Acidente de trabalho



Há dias quando pretendia cortar uma árvore, foi atingido por ela na cabeça, sofrendo fractura de crânio, o nosso amigo Hilário de Lourdes Meleiro, de 45 anos de idade, marido

Delivrance

Na maternidade do Hospital Distrital de Viana do Castelo, deu à luz, há dias, uma criança do sexo feminino, a quem lhe foi posto o nome de Andréa Filipa Rodrigues Domingues, Dª Maria Luisa Rodrigues Domingues, esposa muito querida do senhor José Augusto Domingues, funcionário da Caixa Agrícola de Melgaço. Mãe e filha encontram-se bem. Parabéns.

Promoção

Há dias foi promovido ao posto de Cabo-Chefe da Guarda Fiscal o nosso particular amigo. Rui Manuel Faria, que presta serviço no posto fronteiriço de S. Gregório. Os nossos parabéns.

Doente

No Hospital Distrital de Viana do Castelo, deu entrada, há dias, para se

Incêndio

Há dias os habitantes do lugar da Gróva, foram surpreendidos, às 2 horas da madrugada, por um grande incêndio que lavrou nos montes das imediações daquele lugar. Chamados os bombeiros de Melgaço, visto estarem em perigo algumas casas do lugar de Pico, ainda hoje não apareceram. Será que Melgaço não há Bombeiros Voluntários?

A Sirene tocou, mas quando o fez, já era passado mais de uma hora e a essa hora, já o fogo estava extinto, graças a alguns populares que apareceram no local. Neste caso alguém se lembrou de lhes telefonar para lhes dizer que já não eram precisos.

AGRADECIMENTO

Hilário de Lourdes Meleiro

Sua família, sensibilizada pela manifestação de pesar e carinho, quando do falecimento do seu ente querido, vem por este único meio na impossibilidade de o fazer individualmente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram participar no funeral, bem assim como em todos os actos de culto, pedindo, ao mesmo tempo, desculpa de qualquer falta involuntária.

A Família

Caiu e fracturou uma perna

Há dias, quando andava a podar videiras, caiu dum muro com cerca de 3 metros de altura e fracturou uma perna, o senhor José de Jesus, do lugar do Esporão.

AGRADECIMENTO



Profundamente reconhecida, a família de D. Esperança Afonso, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral e actos de culto, ou que de qualquer outro modo lhe manifestaram o seu pesar. Pedem desculpa de qualquer falta involuntária, se é que a houve

A Família

Maria Fernandes Cruzeiro-Sá-Monção



O marido, António da Silva Vieira, as filhas: Margarida e Maria Judite, os genros Manuel Garcia Pinto e Manuel

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 2700 AMADORA

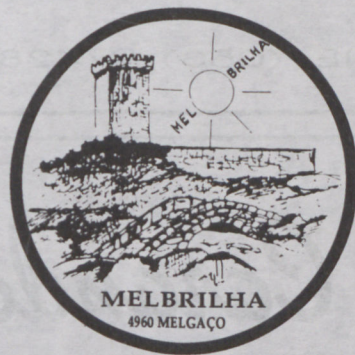
**JOAQUIM RODRIGUES
TEIXEIRA & Cª, LDA**

Construções de Prédios para Venda
Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

Escritório
AVENIDA CENTRAL, Nº 54 - 1º

Telefones
27256 / 25185



VIANA CIDADE LIMPA

Serviços de Limpeza, Lda.

Rua Ponte de Lima, Loja A A
Centro Comercial Bairro Jardim - Telefone: 327946
4900 VIANA DO CASTELO

Sócias Gerentes:

Maria Fernandes Val Brito

ε

Leonor Alves

✓ Limpeza em:

- Serviços Públicos e Comerciais;
- Andares em prédios acabados de construir;
- Residências particulares.

✓ Lavagem e limpeza de paredes

✓ Tratamentos de:

- Mármore;
- Tacos;
- Corticites;
- Alcatifas.

SEDE PROVISÓRIA

Rua Velha, s/ n - 1º Dto • Telefone 43111 • 4960 MELGAÇO

António da Cunha Barreiros, os netos e demais família agradecem vivamente a todas as pessoas que, em grande número, estiveram presentes em gesto de amizade e solidariedade por ocasião do falecimento, funeral, missa de corpo presente e de 7º dia da querida extinta, senhora D. Maria Fernandes.

Funerária Mira

De Penso

FALECIMENTO

D. Maria Fernandes Vieira

Na sua residência do lugar do Cruzeiro, faleceu a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria Fernandes Vieira, de 67 anos de idade.

A extinta, pessoa de respeitabilidade e muito estimada no nosso meio, era casada com o Sr. António da Silva Vieira, mãe das senhoras Professora D. Margarida Fernandes Vieira Barreiros, casada com o Sr. Manuel António da Cunha Barreiros; D. Maria Judite Fernandes Vieira Pinto, casada com o Sr. Manuel Garcia Pinto, funcionário da Repartição de Finanças, de Melgaço.

No seu funeral, incorporaram-se algumas centenas de pessoas, vindas de diversas localidades.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

De Parada do Monte

FALECIMENTOS

Em 29 de Janeiro faleceu a Senhora Maria Esteves de Clau. Tinha 92 anos. Era viúva desde 13 de Julho de 1950, sendo sempre uma pessoa muito honrada e profundamente religiosa.

Em 19 de Fevereiro faleceu o Senhor José Domingues, o Carrascal. Tinha 77 anos, era casado com a Senhora Rosa Rodrigues. Foi um homem muito trabalhador e muito dinâmico para os serviços públicos.

Também faleceu, em Remoães, a Senhora Esperança Afonso, natural desta freguesia. Era casada com o Senhor Manuel Fernandes, irmã do Sr. P.º Justino Afonso, pároco da dita freguesia e ainda sobrinha do pároco da Vila de Melgaço. Eram todos dotados de boas qualidades pelo que deixam grandes saudades em quantos com eles conviveram.

Paz às suas almas e sentidos pêsames aos familiares.

O tempo continua de grande seca. Os gados quase não têm onde pastar. Uma chuvinha seria a graça do Senhor!

O Pároco desta freguesia pediu a exoneração do cargo que aqui exercia

No Campo da Feira de Castro Laboreiro «Tomás das Congostas e o Amarelo»

No seguimento das narrativas que o meu avô me contou, outra se segue.

Quando se deu a desmobilização das tropas, depois da guerra civil que opôs D. Miguel I e D. Pedro IV, um homem chamado ou conhecido por Tomás das Congostas, (Congostas era a sua aldeia natal, algures no concelho de Melgaço) surgiu como muitos, ainda no nosso tempo, que fazem da guerra seu ofício, uma vez feita a paz, não sabem que rumo dar à vida.

Armado e vagabundo, tornou-se salteador e assassino, matando quem se lhe opusesse ou não pensasse como ele.

Tantas mortes fez que a rainha D. Maria II pôs a cabeça de Tomás das Congostas a prémio.

Aqui é que começa o episódio

passado no campo da feira da vila de Castro Laboreiro, na altura ainda concelho.

Também havia do lado galego da fronteira que vai da Amenjoira a Lindoso, já não preciso o lugar embora o meu avô o dissesse, um perigoso bandido, só que este não conhecia as armas de fogo.

O acaso fez com que se encontrassem na Vila de Castro Laboreiro, pois eles desejavam encontrar-se. Era o dia 15 de Agosto de 1800 e tal, também já não sei a data. Era dia santo, dia de feira franca anual, em que todos os lavradores levavam o seu gado à feira para ser avaliado e daí dependia o negócio do ano inteiro. (O costume de levar o gado todo à feira nesse dia perdurou até aos anos 50 do nosso século).

Tomás e o Amarelo encontram-se e dão-se a conhecer, visto que um desejava conhecer o outro, por saberem mutuamente das suas proezas e malfeitorias e cumprimentam-se. Porém, cedo entram em desacordo e ameaçam-se, qual deles o pior, e passam das palavras aos actos.

O Amarelo avança, perigosamente, com um grande varapau, gesticulando e ameaçando julgando o outro desarmado, que sabedor do

que possuía ia recuando e dizendo: "tente Amarelo, tente Amarelo mas este, vaidoso e enfatuado, não mediu o perigo e, quando o Tomás não pôde recuar mais, desfechou-lhe a arma no peito e matou o Amarelo."

O povo ficou amedrontado e com tanto gado na feira e cada um tentando salvar-se e salvar o seu gado gerou-se a maior confusão.

Como a arma era de carregar pela boca o Tomás tão vaidoso como o outro e imprudente parou para enchê-la de novo ao que o povo caíu sobre ele e os soldados que ao ver a confusão e o barulho sacudiram (provavelmente estavam de guarnição do castelo até então com a sua torre intacta que por terem feito dela paiol de pólvora explodiu ficando no estado que se encontra hoje) e prenderam o Tomás depois dum despacho do administrador do concelho.

Foi condenado à forca segundo meu avô. Não sei quando nem onde. Em Castro Laboreiro não o foi concerteza, embora o tribunal fosse na altura, onde agora funciona a escola Primária da Vila de Castro Laboreiro e a cadeia o rés-do-chão daquele pequeno edifício, muito frágil para um bandido como o Tomás das Congostas.

O Amarelo foi sepultado embrulhado num lençol (mas assim iam todas as outras pessoas) no adro da Igreja.

Ao relembrar tudo isto, não tão pormenorizado como o ouvi, lembro a figura majestosa do meu avô que ao ouvi-lo a gente parecia estar a ver os acontecimentos.

Virgínia Alves

MÓVEIS SAMEIRO, L.da

MOBÍLIAS — ESTOFOS E DECORAÇÕES

OFERECEMOS:

- Qualidade
- Garantia
- Conforto
- Os melhores preços

VISITE-NOS E FICARÁ CLIENTE

NOGUEIRA — BRAGA, TELEFONE: (053) 974286



Compra, Venda e Alugueres Mediação em Bens Imóveis

DE:

Heitor D. Campos Amoedo

Rua General Pimenta de Castro, nº 20 — 1º Esq.
Telefone (51) 652872 — FAX (51) 652468 — 4950 MONÇÃO



Hotel Carandá

* * *

Praceta João XXI — 4700 Braga
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga
Tel. 61 45 00 - Telefax 77030

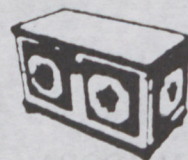
Proprietário e Administrador:

Manuel Rodrigues

Mesmo no coração de Braga, capital do Minho, um amplo e diversificado local para negócios, viagens e turismo de que os melgacenses residentes ou emigrantes poderão dispor como se de casa amiga se tratasse.

Cada cliente, um amigo, cada melgacense, um familiar.

Não deixe de nos contactar e de nos recomendar aos conhecidos e amigos!



Agência de Seguros

VALBRITO

- Apartamentos
- Vivendas
- Lotes de Terreno
- Seguros (Em todos os Ramos)
- Delegação do A. C. P.

Telefs. { 42433 — S. Gregório
43111 — Rua Velha — Vila, s/ nº 4960 MELGAÇO

Venda de Apartamentos e Lojas

IRMÃOS PEREIRAS, LDA

Compra, Venda e Troca de Imóveis

VISITE-NOS

NAIA — FERREIROS — 4700 BRAGA
Telfs. 29554 / 76077

Resposta ao Postal

por António Ruben F. de Castro

É deveras preocupante a situação de «esvaziamento» a que se assiste no nosso concelho, e ainda mais pelo facto de verificarmos que a sua população é de uma média etária elevada. Esta é a grande realidade a que chegamos o nosso concelho com grande mágoa o digo. Não me cabe a mim nem tão pouco o pretendo, indagar das razões que levaram tal situação. Serão remotas e variadas, tema para historiografos.

Diz, Manuel António Esteves e bem, plenamente concordo: «Os melgacenses, a coisa mais bela que o concelho tem saem de Melgaço em busca de trabalho e de novas formas de vida».

Eis aqui, o cerne do nosso problema. A grandeza dum terra está na sua gente, se quisermos uma grande terra temos que ter uma grande gente.

É portanto urgente evitarmos esta «desenfreada sangria». Tarefa para todos os Melgacenses; inverter este estado de coisas. Naturalmente que cabe às autoridades concelhias legitimamente constituídas a maior cota de responsabilidade. Não quererão por certo governar um concelho decrepito e desértico.

Necessário se torna, portanto, criar condições de fixação e de retorno das pessoas à terra que os viu nascer. Este importante capital humano de entre todos o mais lucrativo, não pode continuar a deslocar-se para outras terras valorizando-as, com o seu esforço e esforçado trabalho em detri-

mento do nosso querido e altaneiro Melgaço. Se ao menos o produto de tão esforçada labuta fosse investido na terra que serviu de berço a estes «heróis ganhadores» que honra lhes seja feita levariam longe as virtudes deste povo! Mas, para ti Melgaço a fora a honra que te enobrece dos feitos ao Teu povo noutras terras, o teu proveito é pouco. Acolhe-os sempre de braços abertos, já gastos e cansados como meninos em regaço de suas mães para dormirem o seu belo sono.

A vós «Heróis Ganhadores» o meu veemente apelo: tão bem soubestes triunfar em terras alheias e aí, chegastes levando em bagagem o vosso grande ânimo e vontade de vencer que «rapidamente» deu frutos e o vosso sucesso foi evidente. Se lá o conseguistes apartir do zero, mais facilmente o conseguireis na nossa terra, agora que não vos faltam os meios. O que é preciso é olhar para Melgaço como uma terra de futuro.

Pois no meu modesto entender, tem todas as condições para proporcionar às suas gentes um futuro capaz com um bom nível de vida.

Melgaço é um concelho essencialmente agrícola o seu campo há que tirar partido das suas particularidades a saber: O vinho alvarinho, esse tão «falado produto, casta única no mundo e por mais que se explore teremos que ter em conta que a sua produção será sempre insuficiente, dada a exiguidade do espaço natural para a sua exploração. Não receemos por-

tanto a falta de mercado. A florestação, com espécies lucrativas que decerto trarão seus ganhos e proporcionarão um ambiente paisagístico de grande beleza. Também a apicultura será de implementar... enfim, ao campo agrícola vejo vastos e interessantes actividades específicas a explorar.

A par desta componente agrícola e com toda a envolvente paisagista de que a nossa terra é pródiga, há que fomentar o Turismo, actividade bastante actual e gerador de importantes receitas. Naturalmente que o termalismo se poderá enquadrar nesta Área e não podemos de maneira nenhuma deixar de ter em conta a estância de deixar do Peso o grande cartaz da nossa terra. Estes os grandes motores de desenvolvimento e em consequência o comércio, a área de serviços e a pequena indústria só terão a beneficiar com o incremento dos dois grandes pólos de desenvolvimento: Agricultura e Turismo.

Auguro por conseguinte para a nossa querida terra um futuro promissor, pois temos condições para isso, para tal impõe-se uma reformulação de mentalidades e um plano concertado que envolva a maior participação que de Melgacenses com o propósito de alterar a «mentalidade fatalista» e materializar as alternativas possíveis, que levarão o nosso concelho a ser uma terra de primeiro plano em todos os campos.

Isto não é utópico. Está perfeitamente ao nosso alcance, haja vontades, porque não poderá ser obra de um só, mas de todos. E todos não havemos de ser demais. Mas estou certo de que seremos suficientes se comungarmos do mesmo sentimento. A obra aparecerá, para orgulho de todos nós. Deste modo seremos uma Grande Gente.

Nota: Não quero de modo algum ser mal interpretado, só uma grande amor a esta terra determina a minha preocupação. E o meu maior regozijo será vê-la no ponto em que a sonho.

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567

PASSA-SE

Estabelecimento Comercial em — Valença —

Frente ao Restaurante «Lido»
(junto aos transportes «Mário»)

- Com grande área comercial: 400 m²;
- Com grande parque de estacionamento;
- Duas residências por cima do estabelecimento.

Dão-se condições

MOTIVO: ausência temporária para Angola

Contacte-nos pelo telefone 2 23 73

VALENÇA

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 15/3/92

A cargo do Notário, Licenciado António Gonçalves de Sousa.

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura lavrada em 26 de Fevereiro de 1992, neste Cartório, exarada de folhas 58V a folhas 60, do livro de notas para escrituras diversas número 111-A, ANTÓNIO DOMINGUES e mulher MARIA ELISA DOMINGUES FERNANDES, casados sob o regime da comunhão geral, naturais ele da freguesia da Gave e ela da freguesia de Prado, ambas deste concelho e nesta última residentes no lugar de Serra, rectificaram a escritura de justificação do dia 13 de Março de 1991, lavrada de folhas 81 a folhas 84, do livro de notas para escrituras diversas número 37-C, deste Cartório, apenas quanto às áreas dos prédios rústicos denominados «Leiras dos Aguinchos», sito no lugar de Lameiro, inscrito na matriz sob o artigo 17, e «Leira da Marquesa», sito no lugar de Chãos, inscritos na matriz sob o artigo 1951, ambas da freguesia da Gave, concelho de Melgaço, que declaram ter, respectivamente, as áreas de 1430 e de 300 m².

ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial de Melgaço, em 26 de Fevereiro de 1992.

O Notário

António Gonçalves de Sousa

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 15/3/92

A cargo do Notário, Licenciado António Gonçalves de Sousa.

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura lavrada no dia 28 de Fevereiro de 1992, neste Cartório, exarada de folhas doze, a folhas treze, verso, do livro de notas para escrituras diversas número 41-C, na qual foram justificantes:

MANUEL JOAQUIM DOMINGUES e esposa AMABÉLIA ESTEVES, e ambos naturais da freguesia de Castro Laboreiro, deste concelho, onde residem no lugar de Portelinha, os quais declararam que são proprietários com exclusão de outrém do seguinte bem imóvel:

PRÉDIO URBANO, composto de casa de morada de rés-do-chão primeiro andar e rossios, sito no lugar de Portelinha referido, com a superfície coberta de quarenta e seis metros quadrados e rossios com a área de noventa metros quadrados, a confrontar do norte, sul e poente com Baldio e do nascente com Aurélio Domingues, inscrito na respectiva matriz, em nome do justificante varão, sob o artigo 1.101 com o valor patrimonial de seis mil setecentos e mil escudos.

Que o referido imóvel não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço.

Que eles não dispõem de título formal para registar tal imóvel na-

Continua na página seguinte

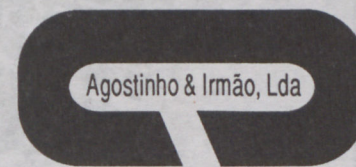
Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.^{ra} Júlia Eduarda Dias Ferreira

EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE
E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO



Agostinho & Irmão, Lda

Construção e venda de apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, N.º 26 - 1.º - Sala 5
Telef. 612287 4700 BRAGA

Funerária

DE: Manuel A. O. Mira

Auto fúnebre para funerais e transladações em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo • Telf. 42237 • MELGAÇO

De Bolama, e após peripécias várias, seguimos para Cufar (significa morrer, terra onde se morre). As lanchas da marinha, equipadas com metralhadoras potentíssimas, transportaram-nos até Catió, pequena vila perto do Cantanhez, mata densa e perigosa, base do PAIGC. Toda esta região é terra de balantas e nalus.

Saímos de noite, e passadas algumas horas entrávamos no pequeno rio Combidjam. Os marinheiros, receosos, pediam-nos silêncio, para assim poderem escutar qualquer ruído que das margens surgisse. Tudo correu bem até Catió, aonde chegamos já de madrugada. No cais éramos esperados pelas mulheres do exército, as quais nos conduziram até ao quartel.

Esta vila é de uma beleza exótica e inesquecível. Mulheres negras, com as suas roupas de cores garridas, pés descalços, encontravam-se na bermada da estrada oferecendo, a preços irrisórios, toda a espécie de fruta da região: laranjas (mesmo maduras continuam a ter a cor verde!), bananas, manga, cajú, etc.

O quartel ocupava uma área enorme. Dentro, em rede e rodeada de arame farpado, situava-se a prisão para os «turras». Pareciam animais acossados! Serviam de jacota aos soldados mais atrevidos e brincalhões. Os insultos choivavam em bom português das Beiras, Trás-os-Montes, ou do Minho. O meu peito arfava. Não queria crer! «Guerra é guerra. Pensas tu que eles nos tratarão melhor se nos apanharem?». Ver, ouvir e calar! Lamentações, para quê?

Deram-nos de comer, pois a fome apertava. Disseram-nos que esperaríamos. «Já está atrasada. Certamente surgiram problemas».

Assim era, infelizmente. Quando a referida Companhia chegou vinha completamente exausta. «Dois mortos e vários feridos», informaram.

Terra da morte, Cufar, aumenta assim a sinistra fama. Mas a vida é isto: uns partem, outros aguardarão a sua vez. «Preparar», gritou com a sua voz de trovão o tenente Fonseca. «Nada de medos. Todos teremos de morrer

Um melgacense no serviço militar

um dia». Morte e vida; vida e morte! Pelo caminho passámos pela aldeia dos macacos. São aos milhares e provocam um alarido tal que se repercute por uma vasta área da floresta. Metem respeito a qualquer um. O trajecto era feito a pé e de metralhadora em posição de tiro. Uns virados para um lado, os outros para o lado oposto — não fosse o diabo tecê-las! De vez em quando deixava-se de ouvir qualquer ruído e o silêncio, sepulcral, abatia-se sobre a floresta — o medo quase nos paralisava!

A distância de Catió a Cufar deve ser a mesma que dista da Vila a S. Gregório. Naquelas circunstâncias, porém, levava-se o triplo do tempo. Na frente seguia um pequeno carro de combate, pronto para o que desse e viesse.

Chegámos à noitinha. Fomos re-

cebidos em apoteose. Não era caso para menos — íamos proporcionar a alguns soldados o seu regresso, ou a sua colocação em zona menos perigosa.

O quartel de Cufar não o era! Tratava-se de velhas ruínas de um edifício, outrora uma fábrica, rodeadas de arame farpado. A água era extraída de um poço, mas a sua cor e cheiro deixavam muito a desejar. Camas não havia — dormia-se em colchões de borracha. Durante a noite acordava-se alagado em suor. O mosquiteiro não servia para nada, visto não haver estrutura de suporte — as melgas tinham o seu alimento garantido. Os víveres e material chegavam de helicóptero. É que aqui a guerra era de doer. Outra coisa não se esperaria, pois olhando para o mapa vê-se que esta região se situa perto da República

da Guiné, país que, abertamente, apoiava a guerrilha.

Na primeira noite que aí cheguei acordei sobressaltado com o barulho ensurdecido dos obuses e canhões que do nosso «quartel» eram disparados para o interior da mata. Os holofotes, colocados estrategicamente, iluminavam todo o terreno à volta, mas mesmo assim convinha prevenir. Não se pode dizer que estivéssemos à mercê do inimigo, pois de dez em dez metros existiam abrigos subterrâneos. Em lugar do «sentinela à alerta» e «alerta está», ouvia-se o matraquear das G-3.

Um episódio gravou-se para sempre na minha mente: a fuga de dois prisioneiros através do arame farpado! Apesar da pele rasgada, fugiam velozmente pelo meio do capim. As balas das nossas metralhadoras buscavam, sôfregadas, os seus corpos. Nunca soubemos se escaparam. Quem se atrevera a sair do arame?

De Cufar fazíamos incursões até à fronteira. Pelo caminho, armadilhas colocadas aqui e ali iam ferindo, ou matando, alguns dos nossos. Quando isso acontecia, improvisavam-se macas e chamava-se, via rádio, o helicóptero para levar as vítimas para o

hospital de Bissau.

Os enfermeiros acudiam aos feridos consoante podiam. Os «turras» aproveitavam esta ocasião para iniciarem um ataque que, muitas vezes, durava duas ou três horas!

Mas, como nem só de guerra vive o homem, quero também falar-vos das madrinhas de guerra, e aproveitar o ensejo para agradecer-lhes o bem que nos fizeram. O seu papel foi importante sobretudo no que concerne à suavização dos sacrifícios por nós suportados. Quando chegávamos de uma «operação» tínhamos à nossa espera as tão desejadas cartas, cuja leitura servia de bálsamo às tristezas e saudades. As moradas obtinham-se pedindo-as aos seus conterrâneos. Destarte, eu tinha madrinhas de Coimbra, da Sertã, de Espanha e França, e de Melgaço, obviamente. Ao todo eram sete! Não eram namoradas; no entanto, casos houve em que aconteceu o namoro e até o casamento. A nossa vida aí era tão fugaz, tão instável, que seria da nossa parte quase criminoso estar a fazer promessas e juramentos a raparigas excepcionais, as quais não teriam certamente quaisquer dificuldades em casar-se com emigrantes. Para aqueles que regressavam sem mazelas a vida profissional só se equilibraria passados anos; raros voltavam ao trabalho do campo ou da oficina — aspiravam a outros espaços. A sua terra, quase sempre madrastra, já não os atraía. Por outro lado, para quem viveu uma guerra, a vida passa a ter outro sentido.

Continua...

Saudações amigas a todos os melgacenses. Joaquim A. Rocha

Notariado Português

CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

continuação da página anterior

que a Conservatória.

Que no entanto sempre estiveram na detenção e fruição do prédio em causa, durante mais de vinte anos, fruição esta e detenção adquiridas e mantidas sem violência e exercidas sem interrupção nem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que, tal posse, assim mantida

e exercida, o foi em nome e interesses próprios e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento do imóvel em causa, nomeadamente habitando-o e pagando as respectivas contribuições e impostos.

Que, tal posse, por ter sido pacífica, pública, contínua e durante mais de vinte anos, facultou-lhes a aquisição por usucapião do direito de propriedade em causa.

E que este direito, dada a sua natureza, não pode ser comprovado por qualquer título formal. ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial de Melgaço, 5 de Março de 1992. Rasurado: «adquiridas».

O Notário, António G. de Sousa

Auto lourenço

Serviço Oficial
TOYOTA
Assistência e vendas

Castro Laboreiro • MELGAÇO

Serralharia Artística

C O D Y

Portas • Caixilhos
Marquises

(Tudo em Alumínio anodizado)
de:

Carlos Alberto Codesso

Granjão - Pademe - Telef. 42244
4960 MELGAÇO

Bento Gomes

Materiais de
Construção Civil

Telef. 42113
4960 MELGAÇO



Agora
é mais fácil!

CONSULTE A SUA

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA

COM A COLABORAÇÃO DA CAIXA CENTRAL

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MELGAÇO:

SIMBOLO DE PROGRESSO GARANTIA DE
SUCESSO: UMA PORTA ABERTA À SUA
POUPANÇA E UM APOIO CONSTANTE AO
SEU DESENVOLVIMENTO E AO PRESTÍGIO
DA SUA TERRA

Contacte-nos e comprovará a diferença



FABRIMAR DO PRINCÍPIO AO FIM

Uma ração de raça

À Venda na
Cooperativa
de Melgaço

FABRIMAR

Fábricas
de Moagens
do Marco, Lda.

1º PORTUGUÊS EM FRANÇA AGRACIADO COM A COMENDA DA ORDEM DE MÉRITO

O nosso Embaixador em Paris, José Maria Shearman de Macedo, agraciou, com a Comenda da Ordem de Mérito, Manuel Alves, conhecido empresário junto da nossa comunidade em França.

A cerimónia teve lugar na presença de representantes da Impresa, conselheiros oficiais e mais precisamente, amigos e familiares do agraciado Manuel Alves, um dos mais dinâmicos portugueses em França.

O discurso pronunciado pelo nosso embaixador teve uma importância capital para os presentes que tomaram conhecimento do valor profissional e empresarial de um dos mais significativos obreiros de realizações do domínio dos Espaços Verdes e das Obras Públicas.

Ocupar um lugar de destaque em França, como MANUEL ALVES ocupa, não é dado a qualquer um, sobretudo, num país onde coabitam cerca de 1 milhão de portugueses, e onde gerir um grupo de empresas não é coisa fácil.

Esta medalha de Comendador da Ordem de Mérito, a primeira atribuída a um residente em França, não apareceu por acaso, nem foi solicitada pelo beneficiário.

A esse filho de Melgaço, chegou a hora das autoridades portuguesas colocadas a alto nível — parece que fora proposto por Shearman de Macedo e aceite pelo secretário de Estado, Correia de Jesus que assinou o respectivo diploma no Verão do ano transacto — bem como o do promotor da identidade da nossa Comunidade de muitas vezes considerada como simples executante

tranquila das tarefas menores. Eis por que a MANUEL ALVES se prestou a homenagem que parece merecer, no âmbito das construções ligadas às obras públicas, mais precisamente às estradas, auto-estradas, parques e jardins, modificando, como é óbvio, aqui e acolá, a paisagem para a embelezar, modernizar preocupado com o conforto colectivo: cidades e centros de



lazer.

MANUEL ALVES, cuja obra é já considerável, apesar dos seus jovens 33 anos, deu, até hoje, provas de «agitador» de economia, seja ela local ou regional.

Provam-no as obras empreendidas e evocadas em diversos jornais da especialidade e na Impresa diária de Paris.

SILÊNCIO É DE OIRO

No momento da atribuição da medalha, MANUEL ALVES permaneceu silencioso, talvez porque ante-

cipadamente, previa manter tal mutismo, como fora por pudor compreensivo, mas não tributário da emoção porque o penegérico proferido pelo embaixador tudo revelaria.

Não impediu, porém, que agradecesse tal comenda com um «muito obrigado» quase inaudível.

Ainda esteve para romper o silêncio mas pensou «durante 30 segundos

mercado francês que é o primeiro passo para o europeu.

Segundo as suas convicções, é necessário evitar, nos portugueses, «as falências» empresariais.

Porque se as há é porque a «informação completa» é inexistente.

Sobretudo no que concerne a legislação, as isenções contributivas, a TV (IVA), etc.

UM REINO RECEBIDO

MANUEL ALVES, além de presidente do Clube dos Empresários é director efectivo da Confederação Mundial dos Empresários das Comunidades Portuguesas.

«Para viver», como ele diz, é presidente do seu Grupo (23 empresas) compostas de cerca de 1700 empregados dos quais perto de 1100 são portugueses.

Realizou a construção do Estádio de Bilbao, e o de Barcelona está em vias de realização.

A SEPI (Société Européenne de Participation et Investissement), «holding» com bases sólidas, constituída de empresas de reputação internacional como a FALEAU que participou na gigantesca realização do famoso Euro-Disneyland situado em Marne-la-Vallée, a cerca de 30 km a

no que deveria dizer».

Assim, «decidi calar-me», talvez para não quebrar a felicidade merecida.

Afinal, que responder ao Sr. embaixador?

ACÇÃO LOUVÁVEL

MANUEL ALVES, através do seu dinamismo, tem-se dedicado a impulsionar apoio aos pequenos empresários portugueses instalados em França com o patrocínio do Clube dos Empresários de que é presidente.

Ao pretender utilizar as estruturas e a logística desta organização a sua ideia, fixa, é a de criar, ainda este ano, um sector destinado à formação profissional para os pequenos empresários, com a compenicação de gestão das suas actividades. Porá, então, à disposição dos candidatos, salas de aulas para que aí se debatam problemas jurídicos, de organização, contabilísticos, etc. Para ele, e com razão, não é uma dúzia de lições na «Chambre des Métiers» que se pode aprender a dirigir uma empresa.

MANUEL ALVES é pragmático. Quer construir, depois de o ter feito materialmente, um homem português enquadrado na sociedade do

Leste de Paris, cuja inauguração está prevista para a Primavera; a MOSER, criada em 1791, pelo chefe jardineiro da Escola Botânica do Rei Louis XVI, e que desenvolve um importante viveiro de plantas e flores variadas, assim como organiza a arquitectura de jardins públicos.

Dedica-se, também, a revestimentos de solos, pavimentações; tecnicamente, presta assistência a plantações e relvados, cria e executa sistemas de irrigação e constrói fontes, repuxos, mobiliário urbano, parques públicos, jardins...

A SEPI é considerada como a maior empresa construtora de Espaços Verdes de França e de campos de golfe; é o mais importante grupo da Comunidades Portuguesas.

No nosso país, MANUEL ALVES possui a empresa NOGUEIRA SECO, especializada na construção de estradas e auto-estradas, podendo destacar-se a realização recente do troço Porto-Amarante, a ligação Évora-Beja, a IP4...

Homem calmo, prudente e comedido, MANUEL ALVES recebeu uma recompensa que as autoridades portuguesas lhe deviam.

Paris, 18 de Fevereiro de 1992

Manuel da Conceição
de «Lusitano»

Casa Paris

Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobres • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

Anselmo Manuel Malheiro

**MEDIADOR DE SEGUROS
AGENTE COMERCIAL**

Residência e Escritório:

IGREJA - CHAVIÃES • Tel. 42525 • 4960 MELGAÇO

*Beatriz Augusta
Ribeiro Lima*

Agente distribuidora
dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães
Telefs. 42302 / 43113

4960 MELGAÇO



Barros

Porto



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

A firma de Melgacenses que, em Braga,

constrói

aluga

compra

vende casas e apartamentos

com a chancela de **qualidade, bom preço e boas condições de pagamento.**

Contacte-nos e comprove a verdade, porque estamos certos de que será nosso cliente.

Escrit. - Rua do Fajal nº 20 - R/c - Telef. 73337

Resid. - Rua do Pinheiro, 113 - Nogueira - Telef. 683103 - BRAGA

Construções de:

João da Costa Pereira de Macedo
Compra e venda de propriedades

- Vivendas e Apartamentos
- Escritórios - Estab. Comerciais
- Quinta - Lotes para construção
- Venda e aluguer de armazéns

Contacte

Escritório:

Av. da Liberdade, 498 - 1º Esq.
4700 Braga - Telef. 26535 - 773118

Residência:

Prado - 4730 - Vila Verde
Telef. 921319

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

A comunicação social nada mais é do que falar da vida alheia.

A imprensa destina-se a relatar acontecimentos que são factos da vida de alguém, a divulgar pronunciamentos que são o pensamento de pessoas, a registar o que foi feito ou se vai fazer, que naturalmente, envolve criaturas. Fala-se bem ou fala-se mal, de acordo com o comportamento da pessoa focalizada.

Diz-se a verdade e quantas vezes mentiras. Quando a pessoa em causa, o assunto da notícia ou reportagem é um super-astro, chega-se ao exagero de mencionar nos mínimos detalhes da sua existência: o que come, o que bebe, como dorme, como veste, seus amores e por aí adiante.

Desde sempre sobre o que conversam as pessoas? Sobre a vida dos outros ou sobre si mesmo. Eu sempre detestei ouvir falar ou ler sobre alguém que não saiba quem é e o que faz. Por isso me preocupo, ao referir-me às pessoas, dizer o que elas são: carpinteiro, mecânico, trolha... Sim, senhor, só o facto de dizer que fulano de tal é isto ou faz isto ou aquilo, já é notícia.

O Alfredo do Paço é mestre nesse detalhe da comunicação: sempre que se refere a alguém que visitou a terra ou participou de algum evento, nunca se esquece de referir o que aquela pessoa faz eu é. E, um toque que por demais acho pitoresco, que dá colorido, dá intimidade, é tratar a pessoa pela alcunha. Ajuda na identificação, torna mais familiar a referência.

A questão de rotular a minha correspondência de «Notícias do Rio de Janeiro», é por ser escrita nesta cidade onde atualmente moro. Às vezes, como agora, pouco ou nada falo do que acontece por aqui.

Falo dos melgacenses, falo de mim, da minha família, por achar que os outros devem saber como vamos indo: se seguimos ou não as tradições da nossa terra, se merecemos ter nascido. Isso é notícia. Pode não interessar a todos os leitores; passem por cima. Afinal, ninguém lê totalmente um grande jornal, só os assuntos que lhe dizem respeito.

Sempre que tenho conhecimento falo dos que estão na França, na Suíça, no Canadá e até dos que estão na terra. Acho que os responsáveis pelo nosso jornal e os leitores, ficariam felizes se alguém escrevesse exclusivamente sobre os melgacenses da França, Canadá, Venezuela, Alemanha, etc. Posso não ter grande capacidade para fazê-lo mas gosto de escrever. E porque gosto de escrever e tenho todo o tempo disponível para isso (sou o dono do tempo), encho a redação de

escritos, do nosso e doutros jornais e revistas que não interessa aqui mencionar.

Escrevo a pessoas, escrevo até por escrever. Também concordo que o nosso jornal não trás todas as notícias que desejaríamos, mas também é sabido que se deve à falta de alguém que goste de escrever e seja meu sócio como proprietário do tempo.

Gente, não me queiram mal por escrever tanto, gostaria de escrever mais e falar sobre todos os melgacenses espalhados pelo mundo inteiro. Já pedi, implorei e prometo: ainda vou fazer uma novena para que todos me escrevam contando suas vidas para eu relatar, e seremos uma única e grande família. Amém.

Gostei, como gosto de todas as notícias que nos dá, de saber do «Almoço dos Amigos da Velha Guarda» que o Alfredo relatou no número de 15 de Fevereiro. Os confraternizantes, pelo visto, são todos jovens meus contemporâneos. Do Dr. Adriano não tenho lembrança mas o Dr. Alpidio, o Manuel da Barbosa, o Zequinha Afonso e o Alfredo, foram meus colegas de infância e a quem mando um grande, mas grande abraço.

Só tenho um reparo a fazer: Alfredo, quando te referires a «um primoroso almoço», por favor, diz do que constou esse ágape. Eu e outros, gostamos de tomar conhecimento das iguarias com que vocês se banquetearam por aí.

Outra notícia daquele mesmo número do nosso jornal que me encheu de satisfação, foi «Convívio na Escola de Parada do Monte».

Antes de mais nada um grande abraço ao noticiário, A. Domingues, pela magnífica reportagem. Quando o jornalista descreve nos mínimos detalhes o acontecimento, a mim, e acho que a todas as criaturas sensíveis, parece que estamos participando do evento. Aquelas feveras, então, deixaram-me com água na boca.

A ideia e o desenrolar daquele «Cantar de Reis» por crianças da escola, foi sensacional. O cronista, talvez propositadamente, omitiu o nome das três professoras que tiveram o carinho e a canseira de fazer renascer uma tradição tão bonita da nossa terra, mas mesmo assim, desejando que Deus as bafeje com todas as felicidades, envio-lhes um grande beijão com to-

dos os sabores tropicais.

Já que estou a falar do jornal, do referido número, o Manuel António Esteves, contundente e realista, como sempre, em seu «Postal», denuncia uma verdade terrível que precisa ser meditada. Sem ele querendo, responde aos assinantes que reclamam falta de notícias do seu lugar.

Notícias de quê, se não há gente para ser noticiada? O jeito é falar dos melgacenses que estão por esse mundo de Deus.

Aproveitando o embalo, o Joaquim A. da Rocha dá-nos uma preciosa lição sobre etimologia melgacense. Barbarisou! (Gíria Carioca).

Não fique zangado se amanhã ou depois eu me aproveitar dessas suas pesquisas. Já agora, ca-dê a continuação de «Um melgacense no serviço militar»?...

A Glória do sequeiro de Bouça Nova, viuva do Moraes (o Rei Miramolin, lembrem-se?), radicada em São Paulo com os filhos e netos, está uma coroa bastante enxuta. Como os familiares lhe deixam fazer muita coisa, passa o tempo recordando a terra.

Para estar actualizada quer receber o nosso jornal pontualmente pois até aqui tarde e mal o recebe quando o sobrinho, o Fernando Alves, lho envia, já lido.

Manda muitos abraços saudosos para os parente e amigos, dela e dos filhos, Mimi e Henrique. Sr. Padre Júlio, tome nota:

Glória de Lourdes Alves
Rua Claudio Rossi, nº 781
Jardim da Glória
01547 São Paulo S.P. Brasil

Envie urgente, o Fernando fica responsável pelo pagamento da assinatura.

Precisei suprir minha escrivania de material de escritório para não haver colapso nas correspondências. Mande a Guida à «Papelaria Tinôco», do amigo Júlio Alves, de Chaviães. Fez um bom desconto.

Todos estão ajudando para a minha lenga-lenga não sofrer interrupção. Abraços.

Rio, 28/02/92

CARTAS AO DIRECTOR

Ermont, 26/02/92

Exmo. Sr. Director de «a Voz de Melgaço»: Acabo de receber «A Voz de Melgaço e, depois de ler as primeiras páginas, chegando à página 4, deparei com «cartas ao Director» da autoria do Sr. Luis José Rodrigues. Deixe-me dizer-lhe, sr. Director, que fiquei triste com os propósitos desse senhor. Escreveu que não tem nada contra os Brasileiros, mas ele os ataca com palavras injustas, começando com as telenovelas. Eu penso que os telespectadores portugueses estão bem contentes com elas, e se a R.T.P. as compra é porque os Portugueses não são capazes de as produzir. Ataca também os locutores Brasileiros das Rádios porque a maneira deles falar não lhe agrada. Então a língua Brasileira (lá que eles pronunciem outra forma que nós os Portugueses) já não é o Português que eles falam? Se eles têm a pronúncia deles eu penso que eles são livres de o fazer.

Não dizem os Lisboaetas que nós os Minhotos somos galegos, quando falamos o Português, ou já não é o Português que os Minhotos falam?

Nós não devemos esquecer que nos anos 40 a 50 e mesmo antes que milhares de Portugueses imigraram para o Brasil e que nós saibamos foram bem recebidos pelos Brasileiros. Se nós os Portugueses temos a sorte de viver melhor que eles, não devemos esquecer que já precisamos deles e é nosso dever recebê-los

com respeito e dignidade.

Sempre ouvi dizer que para se ser um bom patriota primeiro se devia cumprir com o dever à Nação e quando eu sei que houve milhares de portugueses que fugiram a esse dever, que não me venham falar em Patriotismo. Não conheço o sr. Rodrigues penso eu. Não tenho nada contra ele. Ele lá tem as suas ideias. Mas, antes de escrevermos seja o que for, devemos pensar primeiro naquilo que vamos escrever. Também critica o Manuel Igrejas, mas esse sr. não sabe que foi com as suas crónicas e outras notícias vindas do Brasil, que tem aproximado todos os emigrantes que se encontram por esse mundo fora? Que com as histórias do Zé Tringuilhetos nos regalou e entusiasmou a milhares de Portugueses? Não sr. Rodrigues como se diz em França (tuche pas a mon Pote) não critique o Manuel Igrejas, pelo contrário deve encorajá-lo para que ele continue com as suas obras. Outra ideia minha: por que é que o Sr. Rodrigues não arranja um correspondente na sua freguesia para escrever para «a Voz de Melgaço», porque assim já ficaria satisfeito; penso eu, Sr. Director, que estando nós num País estrangeiro, onde nós lutamos e combatemos os racistas, dá-me tristeza ler essas cartas.

Com as maiores saudações

Álvaro Joaquim de Oliveira
Ermont — França

A resposta da Electricidade de Portugal

Recebemos da Direcção Operacional de Distribuição Norte através do Centro de Distribuição de Viana do Castelo, a seguinte informação:

Ex.mo Senhor:

Em relação à notícia publicada no vosso jornal em 15 de Fevereiro com o título «Quem nos acode?...» relacionada com uma factura/recibo de Janeiro de 1992, cumpre-nos prestar os seguintes esclarecimentos:

No mês de Dezembro, por não ter havido acesso ao contador foi processado consumo ao cliente por média, como é habitual nestas circunstâncias.

No mês seguinte, o nosso agente de leituras teve acesso à equipa de contagem e leitura de 22.325 KWhm, que é inferior e obteve uma leitura estimada. Assim, o consumo processado foi de 99.895 KWh, pois informaticamente o cálculo do consumo foi efectuado como se o contador «tivesse dado a volta».

Os nossos serviços detectaram de imediato a anomalia e procederam à anulação da factura/recibo ainda antes de qualquer reclamação do nosso cliente, emitindo em sua substituição uma factura/recibo de 958\$00.

Uma vez que o processo de facturação é totalmente automático, isto é, ele próprio contém o envio das facturas/recibo aos clientes, não foi possível evitar que o cliente recebesse a factura/recibo, com a anomalia citada.

Aproveitamos para agradecer o facto de nos terem alertado para uma situação que ao fim e ao cabo já era nossa conhecida, dando-nos a oportunidade de esclarecer publicamente este tipo de anomalias.

Com os nossos melhores cumprimentos, subscrevemo-nos,
De V. Exas, atentamente,
José Ernesto Cerejo (Sub-director)

Sessão memorável de viticultores de Melgaço apostando no futuro!

Continuação da 1ª página

o alerta para contactarem a Caixa e se informarem do que podem fazer e como se inscreverem, caso estejam interessados, além de poderem desfazer quaisquer dúvidas que surjam.

Para um contacto mais rápido, mesmo de outros melgacenses espalhados pelo País e que queiram aproveitar esta oportunidade de manter os terrenos com produtividade, deixamos aqui os números do telefone da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço: 43180/43559/43843. Para uma consulta mais pormenorizada e para quem tiver telex, também aqui deixamos o número: — 33984.

Pela nossa terra, pelas suas gentes e seu progresso, tudo vale a pena e todo o esforço merece ser dispendido! Vamos a isto, amigos! Quando queremos, ninguém nos supera. A vitória está plenamente ao nosso alcance e depende apenas de nós!

Carlos Nuno

Capela de S. Julião... de quem é?

Continuação da 1ª página

al, eram mais de 150 contos).

Pelos documentos referidos (actas e escrituras) é claríssimo que Duarte Augusto de Magalhães reconheceu que a Capela pertencia à Santa Casa e «largou-a» quando fez nela obras de reparação e as pagou do orçamento da Misericórdia em vez de ser à sua custa, como era obrigado pela escritura a

qual, por isso, anulou ou rescindiu por sua livre vontade.

Em conclusão: A Capela de S. Julião é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço. Manuel José Rodrigues, irmão nº 62 da Misericórdia. P.S.: As omissões nos documentos são assinaladas por reticências; os sublinhados em paréntesis são nossos. Actualizou-se um pouco o português sem, contudo, alterar o sentido. M. J. Rodrigues

Barragem de Cela

Esta Barragem está projectada e irá de Ponte de Mouro à Frieira.

A Associação de Defesa do Património, com sede em Caminha, enviou um comunicado a diversas entidades com o seguinte título: «Barragem de Cela: O fim do Rio Minho».